

O impacto das novas tecnologias da informação na prática do jornalismo

John Pavlík* e Sonia Virgínia Moreira**

Resumo

O jornalismo está entre as profissões afetadas de forma mais incisiva pelas novas ferramentas que auxiliam a captação, a redação e a distribuição de informação em formato digital. Nesta entrevista, o professor John Pavlík trata do impacto dos novos recursos na produção jornalística com base em mais de uma década como pesquisador das tecnologias disponíveis na área das comunicações.

Palavras-chaves: tecnologia da informação, jornalismo, telecomunicações

Resumen

El periodismo es una de las profesiones influenciadas de forma decisiva por las nuevas herramientas que contribuyen para la captación, redacción y distribución de informaciones en formato digital. En esta entrevista, el profesor John Pavlík, con experiencias como investigador de tecnologías disponibles en el área de comunicaciones, aborda el impacto de los nuevos recursos en la producción periodística.

Palavras-clave: tecnologia de la información, periodismo, telecomunicaciones

Abstract

Journalism is among the professions that will be mostly influenced by the new technological tools developed to facilitate the process of gathering, writing and distributing information in digital forms. In the following interview, Professor John Pavlík, with the experience of more than ten years working in various projects aimed to understand the new technological resources of information, considers many aspects of their impact on journalistic functions and activities.

Keywords: information technologies, journalism, telecommunications.

* John V. Pavlík é professor de jornalismo e diretor do *Center for New Media*, criado em 1994 como parte do curso de pós-graduação em Jornalismo da Universidade de Columbia em Nova York.

**Sonia Virgínia Moreira é jornalista, professora da Faculdade de Comunicação Social e Coordenadora Pedagógica do Centro de Tecnologia Educacional na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A partir deste número assume a função de editora da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*.

Sonia V. Moreira – *Prof. Pavlík, qual é exatamente o seu trabalho como diretor do Center for New Media na Universidade de Columbia em Nova York?*
John Pavlík – O *Center for New Media* faz parte do curso de pós-graduação em Jornalismo da Universidade de Colúmbia. Por isso, a atividade principal do Centro é estudar e prever o impacto dos novos meios na área específica do Jornalismo. A equipe do Centro dá aulas sobre isso, faz pesquisa sobre isso, fornece serviços e organiza dados para a indústria de comunicação, além de promover conferências sobre o impacto dos novos meios de informação.

Sonia V. Moreira – *E como pode ser definido esse impacto das novas tecnologias disponíveis para os meios, em especial na área de Jornalismo?*

John Pavlík - Nós definimos *new media* (nova mídia) como a convergência entre computadores, telecomunicações e os meios tradicionais de comunicação. O resultado dessa “mistura digital” *online* inclui a Internet, mas também outras coisas como as ferramentas para a apuração de notícias, todos os tipos de câmeras, as imagens remotas via satélite, as formas de transmissão da informação e as formas de armazenamento dessas informações. A maneira como indexamos a informação e as novas e fascinantes possibilidades de tratamento e processamento de imagem e áudio, os novos suportes para edição, ou seja, como podemos trabalhar digitalmente com vídeo, imagem ou som está alterando as várias etapas de produção da notícia. Assim como também está mudando a forma de distribuição pela Internet, através dos meios que operam *online* ou transmitem vídeo e áudio pelo formato conhecido como *streaming media*, que permite ao consumidor da informação receber notícias a partir de uma demanda própria.

Sonia V. Moreira – *Como funciona o formato streaming media?*

John Pavlík – É basicamente a distribuição de áudio ou de vídeo no sistema *on demand*, no qual o usuário é quem determina a emissão. O *Real Player* ou o *Windows Player* da Microsoft são ferramentas que distribuem o material na Internet. A vantagem é que não precisa ser copiado para o computador, processo que toma um tempo bem maior. No formato *streaming*, são enviados pequenos pedaços de informação, de conteúdo, de cada vez. Pode ser uma transmissão ao vivo ou pode ser material gravado, o importante é que não há necessidade de copiar todo o arquivo.

Sonia V. Moreira – *Não há dúvida que o impacto desses recursos na área do jornalismo é considerável, uma vez que altera o próprio sentido do tempo, e*

mesmo do alcance, de qualquer material disponível em formato digital.

John Pavlík – No passado, produzíamos a informação em um ciclo. As novas possibilidades alteram a idéia do *deadline*, por exemplo, que deixa de existir: não há um limite de tempo determinado pela mídia, tudo funciona em tempo real. Isso muda principalmente a maneira como interagimos com o conteúdo. Estamos passando de um mundo que usava meios de comunicação analógicos para um que utiliza meios digitais. O jornal eletrônico, por exemplo, é uma das invenções que pode ser muito importante nos próximos anos porque tem uma resolução de tinta de jornal mas pode ser reutilizado. E pode incluir vídeo. E áudio. Tudo o que está mudando a forma de produzir a informação. Eu diria que existem quatro áreas de impacto para o jornalismo: como os jornalistas fazem o seu trabalho, o conteúdo das notícias, a estrutura da redação e a produção industrial da notícia (que tornam-se globais), e as relações entre as empresas de comunicação e os seus públicos: as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo (que regulamenta os meios). Todas essas relações estão em transformação.

Sonia V. Moreira – *E de que forma as transformações em andamento afetam o ensino de jornalismo?*

John Pavlík – A mesma situação se aplica ao ensino de jornalismo, que também está em mutação. A maneira como ensinamos está mudando, o que ensinamos está mudando, a estrutura da universidade e a sala de aula estão mudando, a relação entre professor e estudante está mudando. A própria relação entre nós, professores e pesquisadores, ou a relação com as empresas de comunicação, todas essas relações estão sendo influenciadas de alguma forma pela nova mídia.

Sonia V. Moreira – *Dentro desse contexto, o que representou a fundação em 1994 do Center for New Media como parte do curso de Jornalismo da Universidade de Columbia?*

John Pavlík – Além de explorar o impacto da nova mídia na área de Jornalismo, a idéia da criação do Centro também incluiu a possibilidade de colaborar na definição de padrões para a prática do jornalismo no novo ambiente de mídia e também para ajudar a ensinar aos nossos alunos como trabalhar nesse outro novo mundo. Apenas duas pessoas trabalham em tempo integral no Centro, mas temos muitos professores, pesquisadores e profissionais associados. A grande maioria é de jornalistas que podem estar trabalhando em universidades ou

em algum veículo, mas que de alguma forma têm grande interesse pelo que está acontecendo no campo dos novos meios de comunicação.

Sonia V. Moreira – *Existem iniciativas similares ao Centro em outras universidades dos Estados Unidos, que também tenham por objetivo estudar o impacto dos novos recursos de mídia na área específica de Jornalismo?*

John Pavlík – Na verdade existem centenas de programas voltados para o estudo dos novos meios na área de Comunicação e Jornalismo, mas nenhum deles apresenta o mesmo tipo de abordagem que temos em Columbia. No Center for New Media nós combinamos, mesclamos, a pesquisa desenvolvida em colaboração com especialistas em tecnologia e jornalistas com o ensino. Por isso acredito que o nosso tipo de tratamento do assunto é único, entre os inúmeros centros de pesquisa que existem no país.

Sonia V. Moreira – *Nesse ponto é importante considerar algumas especificidades das tecnologias das telecomunicações, que formam a base de todas as mudanças tratadas até agora. O senhor ouviu vários relatos, nesta conferência promovida pelo Freedom Forum¹, sobre a situação deficiente do ensino de jornalismo nos países da América do Sul. Ao ouvi-lo tratar da influência da nova mídia no cotidiano do jornalista, do público e da prática em sala de aula, não há como evitar uma comparação entre a situação nos Estados Unidos e na América Latina. Por exemplo: um nó importante nessa etapa de redefinição das formas de distribuição da informação tem sido a rede pré-existente de telefonia. Nos Estados Unidos, a AT&T transformou-se em monopólio ao assumir o compromisso da universalização dos seus serviços, realmente disponíveis a qualquer cidadão, em qualquer lugar do país. Essa rede básica de comunicação não foi constituída da mesma forma em outros países. No Brasil, por exemplo, o telefone foi – e de certa forma ainda é – um artigo caro e inacessível em alguns lugares até recentemente, antes do advento da telefonia celular. No estágio atual de desenvolvimento da nova mídia, o telefone se mantém como o principal canal de distribuição de informações digitalizadas?*

John Pavlík – De certo modo, a maneira como a maioria das pessoas tem acesso aos novos formatos de mídia é através dos serviços das companhias

1 A entrevista com o professor John Pavlík foi gravada em outubro de 1999 em Buenos Aires, durante a conferência organizada pelo escritório regional do *Freedom Forum* que reuniu professores de jornalismo e jornalistas de vários países sul-americanos para debater o ensino de jornalismo na região.

telefônicas. Mas também existem avanços importantes no ramo da indústria de TV a cabo, com o chamado *cable modem*, que pode dar acesso mais rápido à Internet de forma relativamente barata, transformando-se em uma alternativa competitiva das companhias telefônicas. Existem também outros tipos de opções, como os serviços de transmissões diretas via satélite da DirectTV, que oferecem acesso relativamente rápido à Internet, cerca de dez vezes mais rápido que via *modem* telefônico, com capacidade de 400 kb por segundo, chamado DirectPC. E há também os provedores de Internet com bases terrestres que oferecem serviços de transmissão sem fio (*wireless services*), uma área em que está acontecendo muita coisa nova. Finalmente, ainda não está disponível, mas logo estará, o serviço de transmissão de satélite em banda larga, que será global. A Televisa, do México, é uma das empresas que participam do projeto. E caso se confirme a promessa desse serviço, que é oferecer acesso barato e global à Internet por meio do sistema de banda larga via satélite, poderá ser um dos empreendimentos mais significativos não apenas para os Estados Unidos como para todos os países. Será barato, local e acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, funcionando basicamente com o mesmo preço.

Sonia V. Moreira – *O preço dos serviços de acesso é um dos pontos mais cruciais, que com certeza irá determinar a velocidade da disseminação dos novos recursos de mídia.*

John Pavlík – Sim. O fato é que quanto mais universal for o serviço, maior valor ele terá para as pessoas. Obedece a um modelo econômico que faz sentido nessa situação.

Sonia V. Moreira – *Qual a sua opinião sobre as críticas ao predomínio do inglês como o idioma “oficial” da Internet?*

John Pavlík – É verdade que o inglês é o idioma dominante na Internet. Mas também é verdade que estão em circulação muitas informações, de muitas culturas, em outros idiomas. E a tendência é de crescimento dessa diversidade. Eu diria que a predominância do inglês na Internet já não é tão expressiva quanto era na metade dos anos 90. Eu, por exemplo, tenho na minha classe estudantes estrangeiros. Uma das tarefas na minha disciplina consiste em uma pesquisa a ser desenvolvida pelos estudantes, que devem tentar encontrar na Internet todas as informações que digam respeito a cada um deles, individualmente, e que esteja disponível na rede mundial. Um

dos meus alunos, por exemplo, que é de Formosa, não usou o inglês para fazer o seu levantamento pessoal: trabalhou com sistemas de busca, endereços e páginas cujo idioma era o chinês. Ele fez a pesquisa, colocou todos os *links*, eu apenas pude comprovar, ver mas não ler o conteúdo, porque não consigo decifrar os caracteres chineses. Por isso, acredito que apesar de ainda ser dominante na Internet, uma observação contínua leva a crer que essa situação tende a mudar, que o inglês deixe de ser tão amplamente usado na rede mundial como ainda acontece hoje. O interessante é que existem serviços grátis de tradução disponíveis na Internet. No caso específico do jornalismo, esses programas de tradução funcionam bem com as manchetes mas ainda têm muitos problemas quando chegam no texto da matéria. De qualquer maneira, a situação é bem melhor neste final de década do que há três ou quatro anos. Como acredito que será ainda melhor daqui a três ou quatro anos, principalmente com idiomas como o inglês, francês, italiano ou espanhol, que possuem o mesmo alfabeto.

Sonia V. Moreira – *O senhor disse que tem nas suas aulas alunos estrangeiros. Poderia falar mais sobre as suas disciplinas, que se somam às atividades como diretor do Center for New Media?*

John Pavlík – O programa do Centro com certeza é bem maior do que a área que trabalho nas minhas disciplinas, mas acho interessante falar sobre os dois cursos que desenhei e pelos quais sou responsável. No semestre que coincide com o outono eu tenho uma disciplina que se chama *Exploring New Media*, uma sala formada por cerca de 30 alunos, quando a idéia inicial era de que fossem 16 no máximo... Minha proposta é que os alunos não sejam exclusivamente da Escola de Jornalismo, mas que venham de outros campos, porque acredito que a convivência interdisciplinar é valiosa. Acontece que todos os alunos da pós-graduação em Jornalismo se inscrevem na disciplina e eu termino por aumentar o número de vagas exatamente para permitir a participação de estudantes de outras áreas. Nessa disciplina, os alunos fazem a cobertura dos novos meios, aprendem a fazer matérias para a nova mídia, mas também conhecem e aprendem a usar as ferramentas. O que faço é ajudar a traçar um “mapa” que os ajude a se mover no novo ambiente de mídia. No semestre que corresponde à primavera, sou o professor do Laboratório de Notícia (*The News Laboratory*), uma aula interdisciplinar na qual os estudantes produzem notícias utilizando ferramentas que até então desco-

nheciam. Eles tentam inovar a maneira de redigir, de compor a notícia; tentam fazer algo de novo, diferente e original usando as novas ferramentas disponíveis aos jornalistas. Também é interdisciplinar, porque trabalho com equipes que devem ter pessoas com formação específica seja em alta tecnologia, jornalismo ou engenharia. Assim consigo compor equipes com, por exemplo, dois estudantes de jornalismo, um de assuntos internacionais, dois de engenharia, um de ciência da computação, um de direito e um estudante de economia e negócios. Ou posso ter um aluno de artes, de educação ou de medicina. Tudo depende do tipo de tarefa que a equipe deve cumprir. Juntos, eles podem fazer algo que não conseguiriam separadamente. Essa é a idéia: que o todo seja maior que a soma de todas as partes.

Sonia V. Moreira – *Existe projeto de oferecer disciplinas diferentes a cada ano, como forma de acompanhar as transformações nos diversos setores que envolvem os novos meios, ou os diversos conteúdos já existentes são atualizados para acompanhar de perto as diversas fases da evolução tecnológica?*

John Pavlík – A partir de 2000, começo a ensinar uma nova disciplina, mas como parte do nosso recém-criado programa de doutorado em Comunicações. É o curso de Telecomunicações para os Não-Engenheiros (*Telecommunications Course for Non-Engineers*), no qual contarei com a ajuda de professores renomados da área de Engenharia. O conteúdo trata basicamente de tecnologias, especialmente aquelas relacionadas às redes de telecomunicações.

Sonia V. Moreira – *Considerando essas experiências e experimentações acadêmicas e testemunhando o seu entusiasmo ao tratar do assunto, vale perguntar o seguinte: como começou o seu interesse pela área das tecnologias voltadas para as comunicações?*

John Pavlík – Tudo começou há muito tempo. Meu avô era dono de jornal e os meus pais possuíam uma loja de artigos eletrônicos. Como pode ver, corre uma “tinta digital” em minhas veias... De um lado, sempre tive presente essa tradição jornalística pelo lado do meu avô. De outro, um presente do meu pai quando ainda era bem jovem – um aparelho de rádio com cristal de galena – exerceu um enorme fascínio sobre mim. Era um equipamento com poucos recursos, um pedaço de fio ligado a um pedaço de cristal, um pequeno fone de ouvido, uma espécie de botão que eu podia virar para mudar de estação, sem nenhum tipo de bateria ou outra fonte de energia. Com esse aparelho, eu conseguia captar o som do ar. Uma experiência que

me impressionou quando criança e que ainda hoje me impressiona. Esse foi o início, os fundamentos, do meu interesse pelo tema. Mais tarde, já na universidade, me interessei pela área de comunicação e, mais especificamente, por jornalismo. Decidi então que gostaria de estudar esse campo, mas de uma forma que pudesse compartilhar minhas pesquisas com outras pessoas, colaborar com pessoas de outras áreas, outras disciplinas. Passei então a trabalhar junto com engenheiros, especialistas em ciências da computação, educadores, profissionais da área de negócios e, de uma maneira bem mais próxima, com jornalistas. Apesar de nunca ter trabalhado em tempo integral como jornalista, produzo textos jornalísticos o tempo todo. Minha forma de trabalhar em jornalismo sempre foi como colaborador. A minha experiência com a *APB News*, por exemplo, é uma forma de fazer com que a nossa produção sobre a nova mídia, minhas pesquisas e as aulas na universidade circulem, saiam da torre de marfim e entrem no mundo real. Esse tipo de experiência permite que não nos divorciemos do mundo real.

Sonia V. Moreira – *O senhor pode dar um exemplo desse tipo de trabalho que consegue desenvolver na universidade?*

John Pavlík – Vou citar como exemplo um projeto que desenvolvi no primeiro semestre de 1999 com os meus alunos do Laboratório de Notícias. Um grupo interdisciplinar cobriu para a *APB News* um acontecimento que mobilizou Nova York naquele período, que foi a ação de um grupo de policiais disfarçados contra um cidadão da Nova Guiné. Os policiais, que tinham como missão prender um suspeito de estupro, detiveram esse rapaz quando saía da sua casa porque, de uma certa forma, ele se encaixava no perfil do homem que estava sendo procurado. Quando ele tentou tirar a sua carteira para mostrar a sua identidade, os policiais pensaram que ele ia sacar uma arma e atiraram nele: foram 41 tiros, dos quais 19 acertaram o rapaz. Desses 19 tiros, alguns entraram pela sola dos pés, um sinal de que ele já estava no chão, morto, e que os policiais continuaram atirando. Foi um caso que provocou grande controvérsia na imprensa. Os alunos destacados para cobrir o assunto foram até o local onde tudo aconteceu equipados com uma câmera que cobre um ângulo de 360 graus e fotografaram o cenário do crime. Depois foram ao prédio de onde a vítima estava saindo e fizeram a mesma coisa, de maneira que qualquer pessoa pudesse ter uma visão de vários ângulos, do que estava em volta. Como o incidente aconteceu no

Bronx, ajudava a reforçar uma imagem negativa do bairro, um lugar onde ninguém costuma passear. Mas com uma câmera de 360 graus de visão, os alunos resolveram andar pelas ruas próximas e o que se viu foi uma paisagem urbana normal, que podia ser de um bairro de classe média, com casas de tijolos vermelhos bem conservadas, sem sinais de violência ou de decadência como poderia se supor pelo contexto em que toda a história aconteceu. As imagens registradas pela câmera fez com que as pessoas comessem a pensar que aquilo poderia ter acontecido no seu bairro, ajudou a entender o contexto de toda a situação, acrescentou dados que muitas vezes não estão presentes em uma cobertura jornalística rotineira. Foi um tipo de trabalho em que o público não estava exatamente vendo a cena através de uma janela, que é, digamos, a forma como a mídia tradicional faz a cobertura. Em vez disso, o espectador, o leitor, coloca-se dentro da cena, experimenta a sensação de estar no local, dá ao consumidor a possibilidade da informação a partir de um ponto de vista, de uma observação, diferente.

Sonia V. Moreira – *A partir de experiências como essa, como o senhor acredita que se dará a utilização dos novos recursos pelos profissionais e pelos meios de comunicação?*

John Pavlík – Tudo está em desenvolvimento, de uma forma ainda bastante lenta. Existem muitas incertezas, muitos profissionais ainda se mantêm céticos quanto às possibilidades que surgem e também há certo medo de que os novos recursos ameacem a forma de fazer jornalismo. Existe na verdade uma combinação de fatores que não condizem com os valores potenciais das novas ferramentas. O que estou tentando é aumentar o grupo dos jornalistas com os quais trabalho e que pertencem a empresas de comunicação diferentes. Iniciamos recentemente um trabalho de colaboração também com a CBS News. Acredito que a solução seja trabalhar uma matéria de cada vez, com cada empresa separadamente, para tentar mostrar que podemos atuar de modo efetivo e responsável com as novas ferramentas colocadas à disposição dos jornalistas, colaborando para um novo tipo de jornalismo, quem sabe com mais conteúdo. Ainda que para isso tenha que vencer a resistência de muitos profissionais da imprensa, que são absolutamente céticos quanto às vantagens das novas tecnologias para a atividade jornalística. Muitos, por exemplo, acreditam que o único lugar onde o verdadeiro e bom jornalismo pode acontecer é nos jornais impressos. A palavra impressa é fundamental. Não que exista pesquisa sobre isso ou levantamentos que indiquem qualquer

coisa nesse sentido. É uma posição assumida a partir de experiências pessoais. Assim, quando alguma coisa nova dá errado, a tendência é logo generalizar e dizer que não vai funcionar. Não digo que não seja legítimo questionar as novidades, mas gosto muito do que um profissional renomado certa vez disse: “eu posso escrever mais rápido do que alguém que escreva melhor, mas também posso escrever melhor do que alguém que escreva mais rápido”. Isso tem um lado de verdade quando se trata da nova mídia, que demanda outra velocidade. Mas voltar no tempo não é uma opção, não temos uma máquina do tempo que pode nos levar de volta para um mundo mais simples, em que não existiam coisas como computadores ou telecomunicações.

Sonia V. Moreira – *Quando tratamos dos novos recursos tecnológicos e da sua aplicação à atividade jornalística, um ponto que incomoda os profissionais e o público é a aparente facilidade de manipulação da informação no ambiente digital. Essa é uma questão bastante séria, não?*

John Pavlík – A esse respeito há um exemplo que eu gosto muito. No primeiro semestre de 1999, uma mensagem colocada no *Yahoo* informava que uma empresa americana de tecnologia estava prestes a ser absorvida por um grupo. A referência era um endereço de localização na rede (URL) que levava a crer que tratava-se de uma informação fornecida pela Bloomberg. Como sabemos, a perspectiva de compra ou fusão de uma companhia significa que o valor das suas ações pode subir no mercado. Como resultado da circulação dessa notícia na Internet, muitas pessoas começaram a comprar ações da empresa, que valorizaram-se bastante. Horas depois da informação começar a circular, entretanto, veio o desmentido oficial: a notícia não era verdadeira e, no fim do dia, as ações da empresa voltaram ao preço normal. Não foi nenhum desastre, mas foi um boato que poderia ter prejudicado muita gente. Pois bem: um *site* financeiro chamado *Raging Bull*, que possui um serviço bastante ativo de atualização de mensagens e informações econômicas e de negócios – tem entre os seus cerca de dez mil membros muitos jornalistas –, levou cerca de quatro minutos para descobrir que a notícia não passava de um boato. Um dos colaboradores do *site* notou que o endereço fornecido como fonte não correspondia ao endereço real da Bloomberg e nos minutos seguintes enviou mensagens alertando sobre a informação falsa. Os *sites* jornalísticos, porém, levaram horas para descobrir que a notícia não procedia. Cabe então uma pergunta: o que o serviço de informações financeiras fez foi jornalismo? Do ponto de visto do

consumidor, essa é a função do jornalismo: informar, checar as informações, divulgar, interpretar, analisar e contextualizar os fatos. Ou então não é jornalismo o que fazemos. Penso que, até alguns anos atrás, as funções do jornalismo coincidiam com as atividades do jornalismo, eram praticamente a mesma coisa. Não acredito que esse seja mais o caso. Existe uma crescente diferença entre as funções e as atividades. Hoje, muitas funções do jornalismo estão sendo desempenhadas por não jornalistas. Como essas funções e atividades podem ser reconectadas? Elas devem funcionar assim? O que os professores de jornalismo pensam ou estudam sobre isso? O que estou dizendo é uma realidade, não é uma projeção.

Sonia V. Moreira – *O papel do jornalista está mudando. A situação exige que o profissional aprenda a trabalhar de outras formas.*

John Pavlík – Exatamente. Antes de mais nada, os jornalistas terão que aumentar os seus padrões, ser melhores do que são agora, para que as pessoas tenham interesse naquilo que produzem. As funções do jornalismo são mais importantes do que nunca, porque vivemos em um oceano de informações, estamos soterrados por informações. Precisamos de alguém que colabore para a construção do sentido das coisas (*sense maker*). Acredito que as funções do jornalismo devem se afastar do sistema *breaking news*, de valorização da rapidez na transmissão da notícia, e caminhar em direção à análise da informação. Nesse caso, o jornalista contribui para construir o sentido dos acontecimentos, situando-os dentro de contextos mais amplos. O jornalista precisa ter ampliado esse papel, como aquele que colabora para a construção do sentido das situações, e reduzir o tempo que gasta na competição em ser o mais rápido, mesmo porque para isso não é necessário um grau elevado de inteligência. Defendo que os jornalistas comecem a evoluir para o nível de colaboradores na construção do sentido dos acontecimentos, o que exige muito mais inteligência.



Quem é John Pavlík

O professor John Pavlík é formado em Jornalismo pela Universidade do Wisconsin, mestre e doutor em Jornalismo pela Universidade de Minnesota. Em 1982 iniciou a carreira como professor de Jornalismo em tempo integral na Pennsylvania State University, onde fez parte do grupo que criou a Escola de Comunicações na universidade, reunindo Jornalismo, Telecomunicações e Cinema. Seis anos depois, em 1988, transferiu-se para o *Gannett Center for Media Studies* (hoje *Media Studies Center*) na Universidade de Columbia, em Nova York. Nesse Centro trabalhou durante seis anos como colaborador do Prof. Everette Dennis em uma pesquisa sobre estudos de tecnologias. Em 1994 mudou-se para a San Diego State University, na Califórnia, onde fundou e foi, durante um ano e meio, o primeiro diretor da Escola de Comunicações, que reuniu três departamentos tradicionais da universidade: Jornalismo, Comunicação (*Speech and Communication*) e Telecomunicações e Cinema.

No final de 1995, foi convidado pelo então reitor da Universidade de Columbia a voltar para Nova York como professor da Escola de Jornalismo e para assumir a direção do *Center for New Media*, funções que exerce até agora. A partir de 2000 começou a participar de uma nova iniciativa da Universidade de Columbia na área de mídia, um projeto que pretende trabalhar com conteúdo produzido pelos pesquisadores e cientistas da instituição e de outras organizações afiliadas em uma espécie de banco de informações *online*. A proposta é tornar disponível o conhecimento desenvolvido por professores e pesquisadores em inúmeros campos, sem qualquer espécie de filtro. Ao contrário do jornalismo, este tipo de serviço não pretende fazer o relato da notícia, mas constituir-se na própria notícia.

Além de artigos sobre o campo dos novos recursos tecnológicos da informação, o professor John Pavlík também é autor dos livros *New Media Technology* (1998) e *New Media and the Information Superhighway* (1996) e organizador, com Frederick Williams, do volume *The People's Right to Know: Media Democracy and The Information Highway* (1996).